

Escrituras e migrações

Nubia Jacques Hanciau* *

Escrituras e migrações: reflexões teóricas

Arpenteurs du monde intérieur des langues et des fables, les êtres de parole sont des “gens du voyage”, sensibles aux déplacements que notre histoire récente et nos territoires nouveaux nous obligent à vivre, sans plus d’ancrage ni d’arrimage qu’au bord des mots et des regards qui nous emportent bien plus qu’ils ne nous fixent.

Pierre Ouellet

Em 2006, na Universidade de Ottawa, em 2007, no Colóquio Internacional na capital mineira*, em 2008, nas chamadas da *Revista Internacional de Estudos Canadenses*¹ e número 8 da revista *Interfaces Brasil/Canadá*², no Colóquio Internacional Brasil/Canadá: imaginários coletivos e mobilidades (trans)culturais³, entre outros, o tema se repete: migrações, deslocamentos, fronteiras, gestão da diversidade, novas cartografias, regiões limítrofes, confins e litorais em suas relações com a história, a geografia, a política, a cultura e as artes. O foco recai sobre toda sorte de trânsito, no tempo e no espaço, noções de mobilidade cultural em toda sua abrangência: passagens transculturais, de uma língua à outra, de um horizonte cultural ao outro, diásporas, exílios. Não há nenhuma dúvida, as migrações internacionais impuseram-se como um fenômeno de primeira ordem, cuja repercussão incide nas pesquisas interdisciplinares que abraçam as dinâmicas social, política, de integração, os processos culturais e as relações internacionais.

No ensaio *L’esprit migrateur*, Pierre Ouellet (2003, p. 17) recupera a etimologia latina da noção de migrância: “mudança de lugar” ou “transporte de um lugar ao outro”, movimento transgressivo de Um ao Outro, que infringe as leis do próprio, atravessa as fronteiras da propriedade ou da individualidade, indo sempre além, para melhor desfazer o elo originário e ligá-lo a um novo destino, tornando-nos outros. A trans-cultura e os diversos processos de transculturação, que estão presentes no desenvolvimento dos processos civilizatórios implícitos na migração, determinam a globalização em suas perspectivas múltiplas, polifônicas. Além de acontecer no plano geocultural e geo-histórico, a migração se verifica no âmbito da natureza

* Universidade Federal do Rio Grande.

* Trabalho apresentado durante o Colóquio Mobilidades Culturais: Agentes e Processos. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 6 a 8 de agosto de 2007.

¹ RIÉC, v. 38, n. 2, 2008.

² Cf. www.revistabecan.com.br

³ Em 25 e 26 de março de 2008, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ontológica e simbólica ao caracterizar o deslocamento do próprio sentido do ser, em sua íntima experiência no processo identitário, em confronto com a(s) alteridade(s) que o cercam. Pode-se viajar longe “[s]em sair do lugar, no tempo e no espaço, na memória e na história, no pretérito e no futuro, na realidade e na utopia. Não são poucos os que mergulham em si mesmos, uma travessia sem fim, podendo ser tranqüila ou alucinada, deslumbrante ou desesperada”, lembra Octávio Ianni em *Enigmas da modernidade-mundo* (2003, p. 29).

É certo que “[n]uma sociedade que tornou incertas e transitórias as identidades sociais, culturais e sexuais, qualquer tentativa de ‘solidificar’ o que se tornou líquido por meio de uma política de identidade levaria inevitavelmente o pensamento crítico a um beco sem saída” (BAUMAN, 2004, p. 12). Mesmo sendo inevitáveis, nossas identidades sofrem com as transformações intensas e contínuas, do perene ao transitório, situação que acarreta angústias para a psique. Na literatura contemporânea a viagem tem sido metáfora frequente, com seus múltiplos significados e conotações, em metamorfoses representadas por escritores que não são propriamente migrantes, mas vivem a errância e a experiência do exílio nas profundezas da sensibilidade, expressa na linguagem, onde experimentam verdadeiras passagens de fronteiras, a escrita constituindo-se sobretudo em lugar de perguntas, de busca de si e de um mundo habitável.

Nesse sentido, o movimento migratório definido por Ouellet, através do qual se constata a emancipação da origem ou da identidade primeira, configura-se como uma espécie de tradução ou translação de si em outro, que recebe uma história, um destino ou um devir, não mais parte da bela continuidade causal de uma memória única e homogênea – pela qual o outro é ligado a uma só fonte ou origem –, mas reescreve a própria constituição do sujeito a partir das suas diferentes confrontações com a alteridade. “O caminhante não é apenas ‘eu’ em busca do ‘outro’, mas é com frequência “nós” em busca dos “outros”. Há sempre algo de coletivo no movimento da travessia, nas inquietações, descobertas e frustrações dos que se encontram, tensionam, conflitam, mesclam ou dissolvem” (IANNI, 2003, p. 28). Há também muitas vidas na vida do indivíduo, mas todas elas não têm origem na mesma lógica; sucedem-se sem outra coerência senão a das identidades que as atravessa. O escritor⁴ vive no mundo por intermédio da criação, nela projetando o “eu” em movimento, em formação, o pensamento do mundo e do “eu” acontecendo na e através da obra. E a escritura é que fará o elo do livro ao viver.

*

Nascidos ou instalados no Canadá, escritores como Régine Robin, em *La Québécoise* (1983), Nancy Huston, em *Lettres parisiennes, autopsie de l'exil* (1986), Sergio Kokis, em *Errances* (1996), Ying Chen, em *Quatre mille marches. Un rêve chinois* (2004), Lucie Lequin,

⁴ Quanto ao gênero, para evitar o(a) o(a)s, barras, ele, ela..., recursos que deixam os textos pesados, tomei a atitude de observar em nota de rodapé que o masculino designa os dois gêneros. A escolha desse emprego serve apenas para tornar o texto mais leve.

em “Étrangers de l’intérieur” e “Le dire comme quête de soi et d’un monde habitable ou la parole comme brèche dans le mur du convenu”⁵, entre outros, fabulam para analisar na perspectiva da migração a problemática da existência em exílio, fenômeno que ultrapassa limites espaciais e adentra o campo do imaginário. Entretanto, bem mais que imagem para dizer e expor as relações com o tempo e o espaço, cujo ponto convergente seria o movimento, o exílio torna-se para eles uma nova condição do imaginário, lugar de abrigo, que se estende à memória e ao sonho, para preservar deportações passadas (OUELLET, 2001, p. 13).

Esse exílio, significante cujo significado primeiro é espacial, recebe outras tantas definições, de acordo com os dicionários que as registram e testemunham a etimologia da palavra: em latim *ex*, “fora de”. Precisa-se ainda que o exílio consiste em cessar de habitar o país natal para viver em um outro; que pode ser imposto ou escolhido, revestindo-se de uma variedade de outras significações não-espaciais: física, social, lingüística, essencial; manifestando-se em diversas formas, voluntárias ou involuntárias, infelizes ou felizes, não obstante a origem disfórica. Curiosamente, a maioria dos gênios da humanidade – e os escritores supracitados – só foi ter êxito em sua obra criativa fora dos limites do lugar onde nasceu. Contudo, mesmo que tenham rompido com todos os valores, sepultado o passado, jamais se desligam de um estranho sentimento de devoção, atração física e espiritual indestrutível em relação ao lugar do nascimento, aquele onde a infância foi vivida, que termina voltando e inscrevendo-se em sua narrativa. Em “Reflexões sobre o exílio”, Edward Said⁶ reforça essa idéia:

O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heróicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre (2003, p. 46).

Apesar de o verdadeiro exílio revestir-se da condição de perda terminal, ele se transformou em tema vigoroso – enriquecedor inclusive – da cultura moderna. A conotação “exilar”, longe de atrelar-se ao fato de deixar (voluntária ou forçosamente) a pátria, muitas vezes consiste em nela estar – ou sentir-se – aprisionado, situação qualificada por Neil B. Bishop de **exílio interno** (1993, p. 25-28). A partida do “espaço perseguidor” se constituirá em resposta meliorativa ao aprisionamento em espaço disfórico; pode também tomar a forma de

⁵ O primeiro ensaio de Lucie Lequin foi apresentado em Salvador, durante o IX Congresso Internacional da ABECAN, em novembro de 2007, em breve nos Anais do evento; o segundo, na revista *Interfaces Brasil/Canadá* n. 8, 2008.

⁶ Professor, de origem palestina, um dos mais importantes intelectuais de nosso tempo, Saïd viveu exilado nos Estados Unidos, onde lecionava no Departamento de Inglês e Literatura Comparada, na Columbia University.

marginalização, exclusão voluntária ou imposta em relação a um meio social ou país geográfico. Tem-se então uma dupla tipologia: de um lado o **exílio exterior**, a ruptura com o território da origem e as dificuldades da integração em uma civilização diferente, encarnada na figura do estrangeiro; do outro o **exílio interior** ou interno (psíquico e físico); e pode ainda comportar – na visão crítica ou literária – uma troca espacial sem que intervenha o deslocamento de lugar; o que muda de caráter aqui é o próprio espaço.

Em *Nomades, voyageurs, explorateurs, déambulateurs*, Raquel Bouvet, André Carpentier e Daniel Chartier (2006), entre outros, interrogam-se no âmbito da literatura quebequense sobre as figuras do trânsito em suas diferentes modalidades de percurso, as práticas de sujeitos que se exilam, sua relação com o espaço interno e externo desde os precipícios do pensamento na exploração das fronteiras do “eu” à abertura ao espaço externo, lembrando que na construção identitária, toda “busca de si” passa pelo processo de localização no mundo *versus* relação de si consigo; e, inversamente, toda exploração do mundo, toda “viagem”, como experiência da relação com o aqui-agora, redefinido sem cessar, equivale a um processo de construção do eu.

Essas questões, muitas vezes pouco evidentes, são amplamente discutidas no Canadá, pela sua característica de país multicultural, onde se entrecruzam mais de cem etnias, nas produções que referem as relações Brasil-Canadá, em coletâneas publicadas a partir de 2000. Cabe citar aqui, notadamente, *Fronteiras, passagens e paisagens na literatura canadense*⁷; *Americanidade e transferências culturais*⁸; *Identities em trânsito*⁹; *Perspectivas transnacionais*¹⁰, *Brasil-Canadá: olhares diversos*¹¹; *Literatura e migração: sonhos em movimento*¹²; *Figurações da alteridade*¹³; e o *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas*¹⁴.

⁷ Maria Bernadette Porto (Org.), EdUFF e ABECAN, 2000, coletânea de ensaios que discutem as noções da origem, as travessias da identidade e a representação do “entre-dois”, em textos críticos de autores brasileiros em diálogo com autores canadenses.

⁸ Zilá Bernd (Org.), Editora Movimento, 2003. Nesta coletânea, os artigos privilegiam os processos transculturais ocorridos no continente americano, apontando convergências e divergências nas travessias de culturas, estabelecendo um novo modo de viver no contexto mundial.

⁹ Idem, 2004. Segundo a autora, na apresentação (p. 7), “coletânea de ensaios centrados nos novos mapeamentos identitários nascidos, em grande parte, em decorrência dos deslocamentos pós-coloniais. No campo da literatura, os textos produzidos em situação de trânsito, ou inspirados por ela, permitem a revisão das noções de origem e identidade, a partir de um imaginário híbrido que se apóia na pluralidade de pertencimentos”.

¹⁰ Sandra Regina Goulart Almeida (Org.), ABECAN e Faculdade de Letras/UFGM (FALE), 2005. Por meio de perspectivas comparatistas são enfocadas nesta obra as diversas formas de interseções, delineadas pelos contatos e movimentos constantes que têm tendência a ultrapassar as fronteiras nacionais em direção a novas configurações dos espaços culturais via diálogos transdisciplinares.

¹¹ Dilma Castelo Branco, Maria Lúcia Jacob Dias de Barros, Sandra R. Goulart Almeida e Thaís Flores N. Diniz (Orgs.), Faculdade de Letras/UFGM (FALE) e ABECAN, 2006. Voltada para a interface entre o Brasil e o Canadá, a obra explora os múltiplos olhares que se cruzam no universo dos estudos canadenses como mediadores críticos na literatura, na música, no teatro, no cinema e na geografia.

¹² Uma produção conjunta dos Programas de Pós-Graduação em Letras da UFGM (FALE) e da FURG, organizada por Artur Emílio Vaz, Carlos Alexandre Baumgarten (FURG) e Maria Zilda Ferreira Cury (UFGM), 2006, a coletânea reúne ensaios de acadêmicos vinculados aos dois Programas a respeito da temática da imigração –

No Canadá, para assinalar a dupla relação que os deslocamentos estabelecem com a busca identitária-cultural e com a procura da identidade pessoal, entre outros ensaístas, Jean Morency, Jeanette den Toonder e Jaap Lintvelt exploram, em *Romans de la route et voyages identitaires* (2006), as literaturas “viageiras”, móveis e migrantes. De um extremo ao outro, da Acádia à Alberta, a fascinação pelo espaço, as possibilidades da mobilidade conduzem ao dualismo “nomadismo/sedentarismo”, encontrado em grande parte da produção literária recente, que leva artistas e intelectuais a percorrerem o mundo no processo contínuo de redefinir-se e de (re)inventar sua própria história, e assim, protagonizar a cena. Jean Morency sublinha que os valores inerentes ao nomadismo e à sedentariiedade estão ligados à história particular da América do Norte, embora a viagem seja experiência humana de alcance universal. Na representação literária Morency aponta para protagonistas que se transformam de sedentários em nômades, viajantes inspirados a descobrir seu papel e função na vida, cujos deslocamentos levam-nos a comparar as sociedades e as culturas, e a refletir sobre a própria identidade cultural.

O teórico canadense Walter Moser atualiza seu artigo “La culture en transit: locomotion, médiamotion, artmotion” (2004, p. 25-41) quando analisa, durante o Colóquio Mobilidades Culturais: Agentes e Processos, em Belo Horizonte (2007) o filme brasileiro “Meu tio matou um cara”, do cineasta Jorge Furtado¹⁵. Em resposta à perene pergunta “Como analisar [a] grande mobilidade e instabilidade contemporâneas?”, Moser propõe três tipos de movimento para o acesso analítico às dinâmicas culturais atuais: **locomoção** (deslocamento físico dos seres humanos, voluntário ou forçado: viagem, êxodo, fuga, migração); **mediamoção** (situação em que um indivíduo permanece fisicamente *in loco*, enquanto seu aparelho sensorial capta o movimento e a experiência do mundo simbolicamente representado; aquele que se desloca através de mídias sobrepostas: telefone, rádio, filme, vídeo, televisão, Internet); e **arte-moção** (experiência estética do movimento que nos oferecem algumas obras de arte, as instalações, no ato de sua recepção), aos quais se pode acrescentar a perspectiva explorada neste texto, o movimento de *intramotion/intramoção*, “para dentro”, viagem interior daquele que busca entender seus deslocamentos emocionais internos, conflitos e elos entre os múltiplos “eus”. O importante aqui não é mais o progresso ou avanço em linha reta, que implica a noção contrária de regresso, em

relevante na produção artística mundial e fundamental nos estudos contemporâneos –, focalizada na obra de autores brasileiros e estrangeiros.

¹³ Eurídice Figueiredo e Maria Bernadette Velloso Porto (Orgs., EdUFF e ABECAN, 2007) reúnem artigos que exploram a alteridade na vida cotidiana em contexto multiétnico, e nessa perspectiva questionam noções relativas à escritura migrante, o exílio, o entre-dois e a perda da identidade no contexto da literatura canadense.

¹⁴ Zilá Bernd (Org.), Tomo Editorial; Ed. da UFRGS, 2007. O DLFMA procurar refletir e definir o estatuto das relações culturais e literárias interamericanas, mapear a deriva dos principais ideogramas que regem as (trans)formações culturais das três Américas, seu imaginário coletivo, por meio de um levantamento das figuras e mitos que caracterizariam a “grande narrativa das Américas”.

¹⁵ Publicado nesta coletânea, que reúne os trabalhos apresentados durante o referido evento.

círculo, e sim o ingresso, no sentido de um movimento interno, capaz de apanhar o *interiora rerum*.

Todo escritor cuja obra remete ao desenraizamento e ao sofrimento vive de alguma forma em situação de migração, movências para fora e para dentro, mesmo que em culturas diferentes – locais, regionais, urbanas, rurais, do norte e do sul – afetadas em diferentes graus pelo que Zigmunt Bauman denomina “modernidade líquida”¹⁶. De fato, na fluida sociedade de hoje, tudo escorre, transborda, vaza; a extraordinária mobilidade dos líquidos não-contidos é excelente metáfora para pensar a sociedade desconcertante atual, insegura, um mundo onde os desejos são estimulados de forma constante, onde as satisfações instantâneas aliviam as inseguranças e o medo, mesmo que se tenha de pagar por elas qualquer preço. É preciso criatividade frente aos obstáculos e às opressões dessa modernidade líquida ou hipermodernidade, meios para seguir pensando, (re)inventando o mundo.

O deslocamento entre-dois, entre o “eu” e o mundo, é a perspectiva adotada para a leitura da trilogia “Visitantes ao sul”, de Luiz Antonio de Assis Brasil e *Lignes de faille*, de Nancy Huston. Embora em tempos opostos e diferentes espaços de enunciação, trata-se aqui de romances que caracterizam uma literatura viva, em movimento, marcada pelo trânsito da busca de uma via na vida. Mediadores culturais, Assis Brasil e Huston, caminhantes exponenciais dos espaços artísticos e midiáticos na contemporaneidade¹⁷, promovem maior entendimento sobre um fenômeno tão complexo quanto as mobilidades culturais, com ênfase especial na literatura, seus agenciamentos e processos.

Migrações ao sul: Assis Brasil

¹⁶ Sociólogo polonês analista da nova modernidade. Esse é o título de um de seus últimos livros que analisa a sociedade e as condições sob as quais agem seus membros, que mudam num tempo mais curto do que o necessário para a consolidação – em hábitos e rotinas –, das formas de agir. A vida líquida, assim como a sociedade líquido-moderna, não pode manter a forma ou permanecer em seu curso por muito tempo.

¹⁷ LAAB tem as seguintes obras filmadas: *Videiras de cristal* (direção de Fábio Barreto, roteiro de Ana Miranda); *Concerto campestre* (direção de Henrique Freitas Lima, roteiro de Tabajara Ruas); *Diário de um novo mundo*, baseado no livro *Um quarto de légua em quarto* (direção e roteiro de Paulo Nascimento). Em processo de produção: *Manhã transfigurada* (direção de Sérgio Assis Brasil). Filmagens concluídas, a estrear em 2008: *O pintor de retratos* (direitos de adaptação cedidos a Lauro Escorel). Ver <http://www.laab.com.br/obras.htm>. Nancy Huston, pianista, protagoniza o filme *Emporte-moi* (1963), de Léa Pool. Co-escreve, com Yves Angelo, o roteiro de *Voleur de vie* (adaptado do romance de Steinunn Sigurdardottir *Le voleur de vie*), que teve excelente distribuição: Sandrine Bonnaire, Emmanuelle Béart, André Dussolier, Bulle Ogier fazem parte do elenco. O filme, de 1998, foi projetado no Festival de Veneza. Quanto aos seus livros: *Prodige* (1999) estava previsto inicialmente para o cinema; *Plainson/Cantique des plaines* (1993) foi rodado no Canadá (de 2003 à 2007), mas no momento está abandonado; *Slow Emergencies/La virevolte* (1994) está nas mãos de uma produção independente em NYC; uma jovem cineasta francesa, Carine Tardieu escreve no momento a sinopse de *Dolce agonia* (2001); algumas tentativas foram feitas para a filmagem de *L’empreinte de l’ange/A marca do anjo* (1998), sem sucesso. Informações recebidas da autora, mensagem online, em 2/03/2008. Ela acrescenta, um pouco pessimista com relação à filmagem de seus livros: “há quem se interesse por *Lignes de faille*...”

Para *Fabrcio Carpinejar* (2003), é curioso notar que boa parte da narrativa brasileira recente se volta às viagens para fora do país à procura da estranheza e do confronto cultural: *Mongólia*, de Bernardo Carvalho; *Budapeste*, de Chico Buarque; *Berkeley em Bellagio*, de João Gilberto Noll, para citar apenas alguns autores e obras que grifam o nome das localidades exploradas nos títulos e partem da compulsão de universalizar sua experiência. Luiz Antonio de Assis Brasil caminha apesar disso na contramão da caravana: ao invés de sair do Brasil, adentra-se na geografia vasta e misteriosa, articula um olhar livre e novo sobre o que se julgava conhecido para mostrar um país longe da unidade e da nítida percepção.

Nascido em Porto Alegre no ano de 1945, cada livro de Assis Brasil publicado no Rio Grande do Sul é uma celebração literária devida ao reconhecimento da elegância da forma e ao domínio da técnica narrativa¹⁸. A atual série, composta por *O pintor de retratos* (2001), *A margem imóvel do rio* (2003) e *Música perdida* (2006), denominada pelo autor de “Visitantes ao sul”, corresponde à nova fase em sua sólida carreira¹⁹, mesmo que a temática histórica e a ficcionalização do passado sulino se repitam, na esteira dos livros anteriores. Embora Assis Brasil não seja um *travel writer*, há prenúncios em sua obra inaugural, *Um quarto de légua em quadro* (1976), do que seriam os motivos recorrentes nas narrativas romanescas futuras: o contato entre diferentes culturas, o fenômeno transcultural observado em diversas instâncias – desde o deslocamento espacial das personagens até as migrações no plano do imaginário –, as questões de exílio e identitárias vividas pelos seres entre culturas, protagonistas de suas narrativas.

A circunstância histórica revisada em *Um quarto de légua em quadro* é conhecida através da palavra do Dr. Gaspar de Fróis, médico português imigrante que “vive a realidade colonial registrando-a em um diário [...] encontrado casualmente” (SANTOS, 2007, p.30), que revela os conflitos geoculturais ocorridos na vinda dos açorianos para o Brasil,

primeiramente para o Desterro, depois para o Rio Grande do Sul, [onde] viveram o drama do espaço, inicialmente nas próprias ilhas, já que não havia outra razão para a saída de grande contingentes de colonos, senão povoar as regiões portuguesas de além-mar. Aqui chegados, o problema do espaço permanece. Os colonos são movidos de um lugar para outro, praticamente desassistidos (SANTOS, 2007, p. 31).

¹⁸ Consagrado em mais de quinze livros publicados, 250 mil exemplares vendidos só no Rio Grande do Sul.

¹⁹ Não se trata apenas de uma trilogia, mas de um conjunto de romances que se diferenciam por assumirem a forma de novela, categoria em que se enquadram grandes obras da literatura. Tanto é assim que Assis Brasil está escrevendo mais um livro da série, com o título provisório de *Figura na sombra*. “Sim, vai *en route* o quarto livro; mas creio que haverá um intermezzo de um livrinho reunindo minhas coisas (crônicas?) que publico na *Zero Hora*, com o título (provisório) de *Ensaaios íntimos e perplexos*”. Informação recebida do autor, mensagem *online*, em 10/01/2008.

A circunstância e as dificuldades encontradas presentificam as questões relacionadas à terra no plano da realidade histórica, problema crucial que se estende através dos tempos até a contemporaneidade. Um quarto de século mais tarde, *O pintor de retratos* (2001) focalizará a trajetória de Sandro Lanari, italiano, filho de retratista, herdeiro do legado de seis gerações de artistas, que parte de Ancona, cidade natal, para aperfeiçoar-se em Paris – capital da cultura –, sob a influência de Nadar, o mais célebre fotógrafo francês do período. A viagem em busca do refinamento artístico se alarga à capital francesa para se prolongar mais tarde ao longínquo Brasil, onde, no Rio Grande do Sul, ele presencia a ascensão da fotografia, ao mesmo tempo em que enfrenta o ambiente passional de guerras e fraturas políticas. Desterritorializado, na condição de imigrante, Lanari empreende sua busca, “tornando-se símbolo da impossibilidade de apreensão totalizante do sujeito contemporâneo, paradoxalmente nativo e estrangeiro, cosmopolita e de lugar nenhum” (NASCIMENTO, 2006, p. 51-71). Em Porto Alegre descobre seu verdadeiro ofício, o de fotógrafo. Aliciado à força por tropas do exército castilhistas durante a revolução federalista de 1893, registra as façanhas dos soldados e documenta a degola de um prisioneiro. O resultado espantoso o leva a conservar a fotografia, comprovação de sua arte. Convencido de seu talento, consagra-se profissional requisitado. Estrangeiro, Lanari acredita em sua superioridade diante de um meio provinciano, embora desde o início de sua trajetória sua posição esteja comprometida, pois praticava uma arte ultrapassada, a de pintor de retratos. A pose que ostenta – programada, mas inviável – é substituída pela humilhação, que o acompanha, sempre em fuga, até a humilhação final diante do não reconhecimento por Nadar de sua “Foto do destino”. A consciência de Lanari, que vive no mundo estranho ao do seu passado e realidade, aliena-se e se perde no mundo da cultura que ela própria vai moldando. Por outro lado, o olhar estrangeiro de Nadar não tem elementos para avaliar o espaço e a cultura brasileiros, estabelecidos na consciência de Lanari. A arte do fotógrafo francês consistia em fotografar a alma do retratado; em relação a Sandro, cujo temperamento não era dado às coisas profundas, isto seria impossível: os olhos e os ouvidos são maus testemunhos para os que possuem almas bárbaras.

A margem imóvel do Rio (2003) discute identidades culturais em crise. A narrativa – que inicia no Rio de Janeiro, final do século XIX, momento em que a monarquia começa a declinar –, tem origem em episódio singular. O cronista de Dom Pedro II precisa esclarecer a promessa imperial de transformar em barão o estancieiro Francisco da Silva. Um bilhete do estancieiro reivindica a promessa feita pelo imperador quando visitou as terras do estancieiro, há vinte e um anos: a concessão de um título nobiliárquico. Surpreso com o fato e pelo pedido referendado pela igreja, o imperador recorre ao seu cronista maior para que o esclareça, pois mesmo que a palavra da Corte tivesse sido outrora empenhada, a tarefa não seria fácil; lá se iam duas décadas e o

nome Francisco da Silva era tão comum nas terras do Rio Grande do Sul quanto o chimarrão e o toucinho.

Designado ao forçado exílio, o historiador deixa o calor do Rio de Janeiro para suportar o inverno rigoroso das estâncias gaúchas, cavando pistas a partir das anotações da expedição anterior. “Revoadas de aves migratórias subiam para o Norte. ‘Só eu venho para o sul e para o frio’” (p. 61). De fato, o pampa na época era um deserto sem areia, onde não havia estradas, nem cercas, onde as palavras eram inúteis. Estar no sul significava estar em lugar nenhum, segundo o autor, cuja ficção se estende sobre a margem sempre móvel da história gaúcha.

Na grande tradição dos músicos de Minas Gerais, centro do país, Joaquim José de Mendanha protagoniza *Música perdida* (2006). Ainda jovem viaja ao Rio de Janeiro para estudar com José Maurício Nunes Garcia, a glória da arte colonial brasileira, que confirma a poderosa vocação do mineiro. Circunstâncias incontroláveis, entretanto, entre as quais certa música perdida e um drama de pecado e culpa levam-no de renúncia em renúncia a abdicar de seu talento e a viajar para as gélidas planícies do pampa. Se o maestro Joaquim José de Mendanha é personagem verídica, criador do hino rio-grandense, tudo o mais no romance é suposição ficcional: a fidelidade do pupilo ao padre José Maurício Nunes Garcia, seu envolvimento mais do que filial com o mecenas mineiro Bento Arruda Bulcão, a composição de uma cantata – “Olhai os Cidadãos do Mundo” –, enviada a Rossini, sua relação amorosa com Pilar, copista de seus trabalhos, e, inclusive, a criação do hino antes de sua morte em agosto de 1885, em Porto Alegre. Assis Brasil descreve em *Música perdida* a peregrinação cigana de Mendanha, que tem o “ouvido absoluto”, o dom de ler musicalmente os sons do cotidiano, de Itabira do Campo (MG) ao Rio de Janeiro, perseguindo sempre a composição perfeita. Nesse trânsito ele enfrenta uma série de resistências à sua arte, cujas limitações começam na família: para o pai bastaria que o filho o substituísse na banda da cidade. Mas as resistências prosseguem até a convivência com o padre-mestre José Maurício Nunes Garcia, que sempre o alertava para a incompreensão das criações mais sofisticadas por parte do público brasileiro.

“‘Visitantes ao sul’ caracteriza o homem e sua situação no mundo através de enredos urdidos com singular poder de concentração” (SANTOS, 2007, p. 121). Em qualquer dos três romances, o Sul constitui-se em lugar de peregrinação, descoberta ou refúgio, que as narrativas revelam por intermédio do olhar dos que o desvendam. Lugar de passagem ou de chegada de personagens que fazem o percurso da sua própria aprendizagem e descoberta interior.

Migrações ao norte e ao centro do “eu”: Nancy Huston

Nascida em Calgary, na província de Alberta em 1953, desde o premiado *Cantique de plaines*, Nancy Huston tem prazer em modificar a ordem tradicional da narrativa. Em *Lignes de faille* (2006)²⁰ não é diferente. Ela parte da constatação de que a vida não tem um sentido cronológico. De fato, a compreensão não é cronológica: tão logo se vive qualquer coisa, ela se coloca em relação às experiências passadas, mas já se abre para o que acontece e vai acontecer.

O leitor de *Lignes de faille* parte da América, da costa oeste estadunidense, em 2004. Viaja quatro capítulos em direção ao coração da Alemanha, em 1944. Cada capítulo é narrado por uma criança de seis anos: Sol, na Califórnia em 2004; seu pai, Randall, em 1982; sua avó Sadie, em 1962, e a bisavó Kristina, em 1944, parte final do romance, época da Segunda Guerra Mundial. Ao remontar o tempo em saltos de vinte anos, a autora desvenda os acontecimentos que forjaram a personalidade dessas quatro crianças, estratégia que emprega para trazer progressivamente ao presente a raiz do Mal, o inconsciente coletivo hereditário. Tarefa inovadora a de traduzir os pensamentos infantis. Até pouco tempo o que se sabia das crianças era enunciado pela voz dos adultos. Nancy Huston, ao representá-las – “muitas vezes adultos demais para a idade das personagens [...] demonstrando que a criança é uma observadora perspicaz do universo e que não despreza nada do que capta” (MEDEIROS, 2008, p. 18) –, além de penetrar novos territórios comprova ter assimilado as lições de seu mestre Romain Gary, de quem às vezes se percebe em *Lignes de faille* o ritmo breve e alegre de *La vie devant soi*, as mesmas associações semi-ingênuas, semiclarividentes, às vezes bem-humoradas.

As crianças têm nomes, e como os romances de Huston, eles não são inocentes: Sol brilha como o sol; Randall (que se ouve *random*, em inglês “acaso”) conduzirá o leitor até Israel; Sadie é uma menininha triste (*sad*), e Kristina, como Cristo, é abençoada: nos idos de 1940 foi retirada de sua família ucraniana e educada em família alemã sob a política de Himmler. É ela a responsável pela “marca de nascença” – a *ligne de faille* – que atravessa as quatro gerações sucedidas retroativamente. De acordo com a escritora, que carrega o nome da avó materna, nomear é um ato mágico; a escolha do nome pode ser arbitrária, mas “importa”: uma criança sempre fará alguma coisa com seu nome, nele encontrará sentido, transportado por toda vida, bastará dizê-lo, chamá-la e ela atenderá. O mesmo acontece com as marcas, os sinais e os talismãs que a “ajudam a compreender” e que reconhece mesmo antes de falar.

Cada sinal de nascença contém um signo diferente, de bom ou mau augúrio. Ao longo do tempo através da linguagem a criança dará às marcas a importância que têm aos seus olhos. São esses sinais superficiais, na pele – estigma do sangue – que levam ao trauma e à ruptura iniciais

²⁰ Escrito primeiramente em inglês, sob o título *Fault lines*, o romance foi reescrito no mesmo ano em francês e intitulado *Lignes de faille*, leitura e referência neste texto. É o primeiro romance da autora traduzido no Brasil, onde recebeu o título *Marcas de nascença* (L&PM, 2007), tradução de Ilana Heineberg. A respeito, ver resenha publicada na revista *Interfaces Brasil/Canadá*, n.7, 2007, p.277-280, ou em “Revistas”, no endereço eletrônico nota 2: www.revistabecan.com.br

em *Lignes de faille*, às pistas do destino e à verdade, em viagem iluminada, caricatural e jubilatória. Dotados de personalidades diferentes, a mudança de temperamento nos pequenos protagonistas explica-se em parte pela mudança radical de espaço e contexto: de 2004 a 1944, migra-se da costa oeste americana – logo após o atentado de 11 de setembro – à Alemanha nazista, de um lugar outrora parecendo protegido de qualquer conflito, ao ponto focal da Segunda Guerra Mundial. *Lignes de faille* explora ainda o entre-dois daquele momento da vida em que se está muito centrado em si-próprio em relação aos acontecimentos que levam ao ir-e-vir, a entrar em contato, a medir-se frente ao mundo. O caminho do meio²¹ consiste nesses procedimentos de deslocamento, de nomadismo, em que o projeto identitário nasce da tensão entre o apelo do enraizamento e a tentação da errância.

Na fabulação, como se fosse expiação, a autora atualiza a própria ferida, reavivada livro após livro, ressurgida particularmente neste romance. Nascida no Canadá, país onde viveu na infância e que exerceu impacto em sua vida e obra, Huston ainda era menina quando a mãe a abandonou, “cataclisma” ocorrido aos seis anos e que determinou seu itinerário. Na sua origem, e nas futuras reações da escritora está esse fato de ordem estritamente pessoal. Certamente está também aí a razão dela absorver e compartilhar a dor de Sadie, que acredita não ter sido suficientemente amável para conservar a mãe perto de si nos anos de sua formação. Provavelmente também por isso, desde jovem Huston prevê a possibilidade de salvar-se da “marca de nascença”, do choque e da frustração, graças ao afastamento e ao estrangeirismo que novas identidades propiciam. Hoje a escrita constitui-se em âncora, lugar fixo de onde ela se desloca, deriva, viaja... perscruta a outra de si mesma, o que resta daquele “eu” sofrido que ainda continua a viver no Canadá. Se não há cura para tamanho conflito, ele pode render um número infinito de histórias “ornamentadas”, com dimensão quase mítica, que transformam o vazio em muitas vidas. É o que se lê em *Lignes de faille*, vidas que transcendem a pequena história e se incrustam na grande história.

Migrações conclusivas...

A viagem pode ser uma longa faina destinada a desenvolver o eu. As inquietações, descobertas e frustrações podem agilizar as potencialidades daquele que caminha, busca ou foge. Ao longo da travessia, não somente encontra-se, mas reencontra-se, já que se descobre mesmo e diferente, idêntico e transfigurado. Pode até revelar-se irreconhecível para si próprio, o que pode ser

²¹“Entre-dois, *entre-deux*, zona de contato, de fronteira, espaço intervalar, intersticial, *tercer espacio*, *the thirdspace*, *in-between*. Eis algumas variantes para denominar, nesta virada de século, as “zonas” criadas pelos descentramentos, quando da debilitação dos esquemas cristalizados de unidade, pureza e autenticidade”. Sobre o termo conferir o capítulo de minha autoria, intitulado “Entre-lugar” em FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). *Conceitos de literatura e cultura*, 2005, p. 124-141.

uma manifestação extrema de desenvolvimento do eu. Um eu que se move, podendo reiterar-se e modificar-se até mesmo desenvolvendo sua autoconsciência; ou aprimorando a sua astúcia.

Octavio Ianni

As identidades migrantes focalizadas nos quatro romances abordados são representativas do que diz Octavio Ianni e constitutivas da subjetividade de acordo com Pierre Ouellet em *L'esprit migrateur*. Designam o sujeito envolvido com sua própria ficção, com o fato de “moldar-se” e “figurar-se” (cuja etimologia, *finger*, dá origem à palavra *fictum*, em latim ficção, que também originou *finger*, dedo em inglês, cuja significação é manipulação). Para Fernando Pessoa “o poeta é um fingidor...” (em Autopsicografia, um de seus poemas mais célebres do *Cancioneiro*). Sabe-se muito bem que fingir é o recurso básico da ficção. Quem conta histórias deseja embarcar metaforicamente no outro, sair de si. O escritor viaja interna e externamente, nos espaços e no tempo plurais de sua própria história. Se quem viaja faz travessias, quem conta histórias também, pois contar a História ou histórias é viajar movido pelo mesmo motivo: simbolizar, continuar criando ausências que, transformadas em narrativas, configuram novas presenças.

Por outro lado, a retórica da diferença cultural é essencial à cultura contemporânea, que faz da singularidade um dos principais valores da vida. Nesse sentido, a migração não designa exclusivamente a situação de uma criação no estrangeiro, mas a situação daquele que se define escritor, cuja arte reside na capacidade de ouvir o inaudível, ampliar a compreensão dos leitores a ponto de propiciar mudanças em suas vidas. Nesta breve abordagem, a literatura não se funda na semelhança, mas na singularidade e na diversidade da escritura. Assis Brasil e Nancy Huston em pólos distantes, ao situar em diferentes tempos e espaços seus heróis e heroínas, conferem força sob a globalização às identidades regional e nacional, tendência que se pode interpretar como característica da necessidade humana de pertença a uma permanente comunidade. Geohistoricamente opostos neste sobrevôo textual, ambos alimentam o tema da migrância por meio de seus protagonistas, que encontram unidade na diversidade dos espaços e lugares pelos quais transitam, nos temas que focalizam, nas imagens que suscitam. Se procurarmos convergência entre as duas autorias, será na irmandade estética que a encontraremos. Caracterizados pela beleza e harmonia que imprimem ao que escrevem, ao deslocarem suas personagens em momentos históricos cruciais – recuperados no respectivo trânsito literário –, os livros de Nancy Huston e Assis Brasil são como mapas que indicam lugares fora e dentro de nós mesmos. A unidade e a sintonia entre ambos residem na prática dos sentimentos humanos e da fraternidade.

Referências

- ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *Um quarto de légua em quadro*. 5. ed. Porto Alegre: Movimento, 1978.
- _____. *O pintor de retratos*. 4. ed. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- _____. *A margem imóvel do rio*. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2004.
- _____. *Música perdida*. Porto Alegre: L&PM, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- _____. *Modernidade líquida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- _____. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BISHOP, Neil. *Anne Hébert, son oeuvre, leurs exils*. Presses Universitaires de Bordeaux, 1993.
- BERND, Zilá. Deslocamentos conceituais da transculturação. In: PROJETO TRANSCULTURALISMOS / Transferências Culturais – ICCS-CIEC (International Council of Canadian Studies), 2002.
- BOUVET, Rachel; CARPENTIER, André; CHARTIER, Daniel (Orgs.). *Nomades, voyageurs, explorateurs, déambulateurs*. Paris: L'Harmattan, 2006.
- BUARQUE, Chico. *Budapeste*: São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CARPINEJAR, Fabrício. Zumbido intermitente das cigarras em *A margem imóvel do rio*, Luiz Antonio de Assis Brasil. *Rascunho*, Curitiba, nov. 2003.
- CARVALHO, Bernardo. *Mongólia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CHEN, Ying. *Quatre mille marches. Un rêve chinois*. Paris : Seuil, 2004.
- CLICHE, Mira. Nancy Huston. La vie derrière soi. *Le Libraire*, n. 37, p. 23, nov.-déc. 2006.
- FIGUEIREDO, E. *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: Editora UFJF/Niterói: EdUFF, 2005.
- HANCIAU, Nubia. Nancy Huston, uma francesa adotiva, que volta ao Canadá, aceita sua história e suas origens e canta as planícies albertanas. In: PORTO, Maria Bernadette (Org.) *Fronteiras, passagens, paisagens na literatura canadense*. Niterói: EdUFF; ABECAN, 2000, p. 143-168.
- _____. *Lignes de faille*. Resenha. *Interfaces Brasil/Canadá*, n. 7, 2007. Versão impressa e online.
- _____. Literatura e história em *O pintor de retratos*, de Luiz Antonio de Assis Brasil. *Cadernos Literários* – Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado em História da Literatura. Rio Grande: Ed. da FURG, v. 12, p. 55-59, 2006.
- HUSTON, Nancy. *Lignes de faille*. Arles: Actes Sud, 2006.
- _____. SEBBAR, Leïla. *Lettres parisiennes: autopsie de l'exil*. Paris: Bernard Barrault, 1986.
- IANNI, Octávio. *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- KOKIS, Sérgio. *Errances*. Montréal: XYZ, 1996.
- LEQUIN, Lucie. Étrangers de l'intérieur. *Interfaces Brasil/Canadá*. Rio Grande, ABECAN/FURG, 2008, n° 9, p. 65-83.
- _____. Le dire comme quête de soi et d'un monde habitable ou la parole comme brèche dans le mur du convenu. Étrangers de l'intérieur. *Interfaces Brasil/Canadá*. Rio Grande, ABECAN/FURG, 2008, n° 8, p. 135-151.
- LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL – site oficial. Disponível em <<http://www.laab.com.br>>. Acesso em: 18 fev. 2008.
- MAFFESOLI, Michel. *Du nomadisme: vagabondages initiatiques*. Paris: La Table Ronde, 2006.
- MEDEIROS, Marta. Lá na infância. *Zero Hora*, Caderno Donna, 27 jan. 2007, p. 18.

- MORAES, Luciano. *Identidades transculturais: um estudo da série Visitantes ao Sul, de Luiz Antonio de Assis Brasil*. Rio Grande, 2007. Dissertação [Mestrado em História da Literatura] – Programa de Pós-Graduação em Letras, Fundação Universidade Federal do Rio Grande.
- MORENCY, Jean; DEN TOONDER Jeanette; LINTVELT, Jaap. *Romans de la route et voyages identitaires*. Québec: Nota bene, 2006.
- MOSER, Walter. La culture en transit: locomotion, médiamotion, artmotion. *Gragoatá* n. 17, p. 25-41, 2004.
- NASCIMENTO, Lilian Soier. Imigrantes: identidades em trânsito. In: VAZ, Artur Emílio; BAUMGARTEN Carlos Alexandre; FERREIRA CURY, Maria Zilda (Org.). *Literatura e imigração: sonhos em movimento*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG (FALE), 2006. p. 51-71.
- NOLL, João Gilberto. *Berkeley em Bellagio*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- OUELLET, Pierre. Présentation. *Spirale*, n. 181, 2001.
- _____. *L'esprit migrateur*. Montréal: Trait d'union, 2003.
- PESSOA, Fernando. *Cancioneiro*:
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ph000003.pdf>
- ROBIN, Régine. *La québécoise*. Montréal: Québec/Amérique, 2003.
- SANTOS, Wolnyr. *Luiz Antonio de Assis Brasil: romance e história*. Porto Alegre: Rigel, 2007.
- SOUSA, Renato Venancio Henriques de. A “escrita migrante” de Sergio Kokis em *Le pavillon des miroirs, Negão et Doralice et Errances*. Niterói, 2007. Tese [Doutorado] – Universidade Federal Fluminense, 2007.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio. E outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.